



Representações sociais da voz no Jardim Utinga

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Fábio Miguel

Instituto de Artes da UNESP – fabbyomi@hotmail.com

Resumo: Discute acerca das funções e significados da voz no contexto do bairro Jardim Utinga, em Santo André, SP. A partir de dados que foram gravados e levantados por meio de questionário aplicado aos moradores, durante uma pesquisa de doutorado, seleciona-se dois exemplos de evento sonoros vocais para serem interpretados à luz do conceito de Representações Sociais de Moscovici. A voz dos vendedores ou a voz do “noia” desperta ideias e concepções distintas acerca de tais manifestações que abrem caminhos para uma Antropologia da voz.

Palavras-chave: Voz. Representações sociais. Gesto vocal. Paisagem sonora

Social Representations of voice in the Jardim Utinga

Abstract: Discusses about the functions and meanings of the voice in the context of the Jardim Utinga village in Santo André, SP. From data that were recorded and collected through questionnaire applied to residents during a doctoral research, were selected two examples of vocal sound event to be interpreted in the light of the concept of social representations of Moscovici. The voice of the sellers or the voice of “noia” awakens ideas and distinct conceptions of such events that pave the way for an Anthropology of voice.

Keywords: Voice. Social Representations. Vocal Gesture. Soundscape.

1. Representações sociais da voz no Jardim Utinga

O presente trabalho trata das funções e significados de manifestações vocais, levantadas na paisagem sonora do bairro de Jardim Utinga¹, em Santo André durante uma pesquisa de doutorado. As ocorrências vocais foram focalizadas em meio a outros sons, obtidas por meio de gravação e questionário aplicado a uma amostra dos moradores do bairro. Os eventos sonoros foram tabulados e analisados à luz do conceito de Representações Sociais de MOSCOVICI (2007).

De modo sintético esse conceito pode ser definido como ideias, concepções, sensações e sentimentos que as pessoas tem acerca de determinada coisa em seu dia a dia. É uma maneira que o homem tem de conhecer e compreender as coisas que o circundam. (2007: 10). Essas ideias concebidas pelas pessoas passam de um agrupamento social a outro, pela comunicação entre os indivíduos que o compõem. As representações sociais se ordenam ao redor de um tema, por exemplo: saúde, doença, meio ambiente, música, voz, fomentando uma série de proposições que possibilitam a classificação de coisas ou pessoas, permitindo que seus aspectos sejam descritos e seus sentimentos e ações explicados. Essas representações têm como finalidade tornar o que não é familiar em algo comum, familiar.

Esse processo da passagem do não familiar para o familiar, na construção das representações sociais, se dá por meio de dois caminhos, denominados, por Moscovici de **ancoragem** e **objetivação**. Resumidamente, o mecanismo de ancoragem procura ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. Isso se dá no momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. Ou seja, ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa a partir de algo já existente. A representação é, por isso, um sistema de classificação, de denotação, de alocação de categorias e nomes. A ancoragem está ligada à memória, pois para caracterizar alguém ou alguma coisa, puxa-se um dos paradigmas estocados na memória e estabelece-se uma relação positiva ou negativa com ele (2007:61-70). Como bem pontua Moscovici, o objetivo da classificação é facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, para formar opiniões.

A finalidade da objetivação, como menciona Moscovici, é possibilitar que algo abstrato se torne algo quase concreto, transferir o que está na mente para algo que exista no mundo físico. De acordo com ele, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Essa imagem é parte de um núcleo figurativo, que o autor designa como um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias. A objetivação está relacionada, também, à memória, sendo mais ou menos direcionada para fora e tira daí conceitos e imagens, para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, tornando o não conhecido em conhecido (2007:71-78).

As representações sociais podem ser acessadas por meio do senso comum, do conhecimento popular, num universo consensual. Segundo Moscovici, o senso comum pode ser entendido

como todo conhecimento partilhado pela sociedade como um todo, entrelaçado com nossa linguagem, constitutivo de nossas relações e de nossas habilidades. É um conjunto estruturado de descrições e explicações, mais ou menos interligadas umas às outras, da personalidade, da doença, dos sentimentos ou dos fenômenos naturais, que todas as pessoas possuem, mesmo que não estejam cientes e que elas usam para organizar sua experiência, para participar de uma conversação, ou para negociar com outras pessoas (2007: 202).

O senso comum possibilita uma compreensão das coisas, levantando uma ponte entre o estranho e o familiar, sendo este o motivo de ser das representações sociais. Estas têm como finalidade, também, tornar a comunicação, dentro de um agrupamento social, não tão

problemática e reduzir a não familiaridade, por meio de certo grau de consenso entre os seus membros. Conforme esclarece Moscovici, a criação das representações sociais se dá pelas influências recíprocas, pelas negociações implícitas no trânsito das conversações, em que as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos (2007:208). As representações sociais, portanto, correspondem a certo modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos. As representações constituem-se, assim, numa rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e têm uma existência relacionada à sua utilidade, isto é, são marcadas por seu uso. (2007:209-210). Há, portanto, nas representações, uma busca por trazer, o que está ausente, à tona e apresentar coisas que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de racionalidade e integridade normativa do grupo, que se dá de maneira comunicativa e difusa, orientando as pessoas e os grupos na adaptação às coisas, dando ao fenômeno das representações sociais um caráter simbólico, o qual estabelece vínculo, constrói e evoca uma imagem, diz e faz com que se fale, partilha, um significado, por meio de proposições transmissíveis (2007:216).

As representações sociais tornam-se simbólicas na medida em que, pela comunicação e difusão dessas proposições transmissíveis, as diferenças entre elas são obscurecidas, os limites entre o aspecto icônico e seu aspecto conceitual são eliminados, transformando-as em representações de representações (2007: 211).

Moscovici, ainda, esclarece que o conceito de representação é “uma questão de compreensão das formas das práticas de conhecimento e de conhecimento prático que cimentam nossas vidas sociais como existências comuns” (2007:271). Dá-se, então, uma significativa importância ao conhecimento prático que tem um papel essencial na vida das pessoas, o qual está inscrito nas experiências ou acontecimentos sustentados por indivíduos e partilhados na sociedade.

Para compreender as representações sociais, que são frutos da linguagem e concebidas num ambiente humano complexo, se requer o método da observação e da descrição detalhada de suas estruturas e do seu crescimento nos vários campos, possibilitando entendê-las por meio de um procedimento comparativo das descrições. A observação, descrição e análise dos exemplos, vocais no Jardim Utinga, que serão abordados, a seguir, permitirão discorrer acerca de representações de tais sons.

Nas gravações² realizadas, percebem-se manifestações vocais relacionadas à conversa, ao grito, grito de criança, ao pigarro, à risada – risada de criança, risada de mulher, tosse, à voz de criança, à voz de homem, à voz de jovem, à voz de mulher e de mulher idosa;

além da voz do vendedor de churros, do vendedor de frutas; da voz feminina com sotaque nordestino, ou da voz masculina cantando na igreja evangélica. Dentre os eventos sonoros apontados no questionário³, verificam-se os seguintes, mais citados pelos moradores, especificamente ligados à voz: anúncios, canto, canto da igreja, chamado, choro, conversa, a voz de um crente doido pregando, a fala da avó, fala de jovens, gritos de vários tipos, como, por exemplo, o grito do Flávio (o “nóia”), os gritos da cunhada, os gritos de meninos, a voz do guarda; uma mãe cantando, pessoas cantando, rapaz que briga sozinho no quintal, risada, anúncios de vendedor, do vendedor de pamonhas, do vendedor de pano, do vendedor de pão, do vendedor de peixe, (vendedor) de produtos de limpeza; a voz da vizinha, da vizinha gritando, voz rouca, vozes de outras pessoas.

Para que se possa discutir acerca das representações sociais da voz no bairro em questão, tomarei exemplos dentre aqueles que foram percebidos na gravação e outro apontado por um morador do bairro.

A voz dos vendedores, sejam eles de pamonha, frutas, pão, peixe ou produto de limpeza, está presente no bairro. Todas as terças e quintas-feiras, no período da tarde, conforme se ouve nas gravações, é possível, por exemplo, ouvir o vendedor de pão que passa num veículo e diz ao microfone: “Pãozinho de coco, pãozinho de leite, pão sovado” com uma voz bastante nasal; ou, ainda, o vendedor de frutas, que também, de forma amplificada diz: “Olha a banana, a melancia, a pera...”, com uma música gravada entre uma fala e outra. Cada um dos vendedores, ao anunciar o seu produto, traz seus pregões, procurando chamar a atenção das pessoas do bairro para o seu produto. Apesar do som intenso e constante produzido pelo tráfego de veículos no bairro, sobretudo nas avenidas João Pessoa (JP) e Sapopemba (SAPO), podem-se ouvir esses pregões, principalmente porque estão amplificados por microfone. Esses pregões fazem o autor deste texto se recordar de sua infância, quando ouvia dois vendedores que anunciavam seus produtos, à época, sem microfone, na rua do Guaçu. Um era o verdureiro que dizia: “Óia, o verdureeeiro, Óia, o verdureeeiro...”; o outro vendia um tipo de doce, popularmente chamado “quebra-queixo” e dizia: “Óia, o quebra-queeeixo...”. A voz de ambos tinha uma emissão bastante frontal e metalizada, provavelmente para que, em meio a outros sons, pudessem alcançar os ouvidos dos moradores e chamar atenção para o que estavam vendendo. Ao lembrar desses sons, hoje, o pesquisador tem em si o despertar de várias ideias, emoções, sensações e sentimentos que vão além da funcionalidade deles; quando isso acontece, eles se revestem de simbolismo e desembocam diversas representações que podem estar relacionadas a um sentimento de

alegria, de tristeza, de saudade e nostalgia, entre outros. São sons que estão vivos na memória e, por meio deles, é possível recordar experiências significativas, ocorridas naquela época.

O grito do Flávio (o noia⁴), indicado no questionário por um dos moradores se configura como um evento sonoro característico das cidades que têm sofrido com o aumento de problemas de ordem social, econômica, como, por exemplo: a criminalidade e as drogas. Diferentemente dos gritos de outros adultos ou crianças, também apontados no questionário pelos respondentes, o grito do “noia” traz às pessoas um temor, separando-as de uma convivência salutar e pacífica. Por esse motivo, sua força é de natureza centrífuga, afasta os indivíduos uns dos outros. As vozes do bairro têm-se calado diante de gritos de “noias”, que impedem que as pessoas, por temor, circulem com tranquilidade pelo bairro. Em tempos remotos, como afirma Schafer (2001), o homem temia o som do vento que sopra onde é ouvido, mas não permite que se saiba de onde vem e para onde irá. Hoje, no bairro pesquisado, as pessoas podem não temer o som do vento, mas temem o som de seu semelhante. Em suma, esse som comparado ao da sirene, inventada na primeira metade do século XX, difunde a angústia e dispersa as pessoas, em seu caminho. Este é um evento sonoro recente na vida da comunidade do Jardim Utinga, que, como um alerta, traz indicativos de problemas sociais, relacionados à criminalidade e às drogas, que as cidades brasileiras têm enfrentado. É o grito de um desesperado, que desespera, também, aos outros. Esse gesto vocal contrasta com os demais sons que ocorrem no bairro e irrompe no silêncio da noite, de forma contundente; e, possivelmente, pode gerar outros eventos sonoros que não produzem ou estimulam sensação de quietude e paz, como trariam, por exemplo, o canto e assobio dos pastores que, como afirma Schafer, tocavam flauta e cantavam uns para os outros, enquanto as horas passavam. De modo semelhante ao que aconteceu com a tribo Suruí nos anos de 1970 (PUCCI, 2006:13-14), os gritos de celebração, de alegria e júbilo, cada vez menos frequentes no bairro pesquisado, dão lugar aos gritos, frutos das preocupações e inquietações de uma sociedade insegura e atemorizada. O grito do “noia” e a maneira como as pessoas reagem a ele pode ser um indicativo de que algum tipo de desequilíbrio, nos âmbitos social, econômico, psicológico e afetivo, pode estar afetando a vida dos moradores do bairro.

As representações sociais dos pregões ou do grito do “noia”, antes abordadas, se construíram por meio do mecanismo da ancoragem e objetivação. Paradigmas que estavam estocados na minha memória ou na dos moradores do bairro, foram puxados para fora para que se pudesse tornar algo quase abstrato, como esses sons vocais, em algo concreto. Tirou-se da memória conceitos e imagens que foram juntadas e reproduzidas no mundo exterior, tornando essas manifestações vocais desconhecidas em algo conhecido. Essas representações

foram acessadas pelo senso comum que estabelece pontes entre aquilo que não se conhece e aquilo que é mais próximo.

As representações sociais desses eventos sonoros vocais descritos e analisados, trazem indicativos das condições sociais que as produzem e mostram muitos aspectos das tendências e mudanças ocorridas ao longo do tempo naquele agrupamento social. As manifestações vocais, em suas diferentes significações, revelam muitas peculiaridades dessa comunidade que as produz e, permite perceber as várias mudanças ocorridas nesse espaço sonoro. Essas ocorrências vocais despertam formas de pensamento e atitudes, de maneira que os valores, atos e emoções de quem as ouve ou produz se tornam conhecidos. Cada um tem suas próprias ideias, concepções, sensações e sentimentos a respeito da voz que ouvem ou produzem, que são compartilhadas uns com os outros na busca de um conhecimento que organiza a experiência relacionada a esse som e ao contexto onde ele acontece.

O estabelecimento de representações sociais acerca de manifestações vocais permite, ainda, a interpretação da voz como símbolo sonoro que possui múltiplas dimensões, intrínsecas à relação de cada um com ela, que se dá em constante interação. Essa relação dinâmica torna o símbolo vivo, carregado de afetividade e dinamismo. A voz humana enquanto evento sonoro simbólico coloca o homem numa intensa rede de relações, originando um sentimento de identificação ou participação, por meio de uma transferência imaginária, a qual transporta o homem para o interior do símbolo, assim como o símbolo ao interior do homem. É, portanto, um processo de integração, no qual o indivíduo, numa expressão espontânea, e ao mesmo tempo numa comunicação adaptada, desenvolve a imaginação criadora e o sentido do invisível.

De modo geral, a voz, como elemento simbólico, tem uma função socializante que permite a comunicação com o meio social, de maneira que se possibilite penetrar no sentido desse símbolo, o que se configura na possibilidade de, por meio dele, conhecer uma dada sociedade.

A concepção de representações sociais acerca da voz e seus aspectos simbólicos, abre uma dimensão antropológica da voz, ao considerar que a voz humana é um elemento importante para qualquer que seja o agrupamento social. Ao se examinar os eventos sonoros, no Jardim Utinga, é possível obter indicativos do modo de viver e pensar daquela comunidade observando e analisando como as pessoas se relacionam com os sons que ouvem ou produzem (ZUMTHOR, 2000:13).

2. Considerações Finais

No Jardim Utinga, é possível ouvir a voz amplificada de vendedores, que anunciam seus produtos, com uma inflexão vocal mais aplainada e sem brilho, do que aquela ouvida pelo pesquisador em sua infância, na voz do verdureiro que dizia: “Óia, o verdureeeiro, Óia, o verdureeeiro...”; ou do outro que vendia um tipo de doce, popularmente chamado “quebra-queixo” e dizia: “Óia, o quebra-queeeixo...”. Esses sons se mostraram vivos na memória, trazendo recordações de experiências significativas, ocorridas na minha época de criança. As representações sociais da voz dos vendedores estão relacionadas às lembranças, memórias afetivas e sonoras e foram construídas pelo mecanismo de ancoragem e objetivação que permite, ao puxar da memória paradigmas, classificar e categorizar essas manifestações vocais.

O temor e a insegurança surgem, quando pelas ruas soa o grito do Flávio (“o nóia”). Essa voz, também, apresenta aspectos de dureza, tensão e aspereza em sua produção, que no contexto em que ocorre inflama, em quem a ouve, a vontade de não se aproximar, de fugir. Como, provavelmente ocorre, em outros bairros de São Paulo, esse é um evento sonoro característico dos locais onde o crescimento de problemas sociais e econômicos, tais como as drogas, tem se tornado comum. Essa manifestação vocal, sem dúvida, traz indicativos da situação social, econômica e afetiva do bairro em que as pessoas se calam diante desse som perturbador. Jardim Utinga é repleto de nóias, que vagam de um lado para o outro buscando maneiras de sustentar o seu vício, mas curiosamente o grito do Flávio se destaca, por ser ele um morador do bairro, cuja voz as pessoas reconhecem, mesmo quando não o veem. Diante dessas vozes, instala-se um sentimento de impotência, diante de um quadro que parece piorar a cada ano. Os moradores tentam seguir suas vidas costumeiramente, contudo essas vozes indicam que uma doença, tal como um câncer, se alastra, não tão silenciosamente. Esse som está atrelado a representações sociais do medo, da insegurança, do temo, também estabelecidas pelo mecanismo da ancoragem e objetivação, acessadas pelo senso comum.

Refletir a respeito das funções e significados que a voz assume no bairro estabelece caminhos para uma Antropologia da Voz que revela o homem e suas conexões com o outro e os demais seres vivos, por intermédio da emissão vocal. Esse conceito permite compreender o que pensam os moradores do bairro acerca das vozes que os rodeiam e como se relacionam com ela no contexto sonoro em que vivem. Por meio da voz, compreende-se o que as pessoas dizem de si mesmas; o que elas fazem e quais seriam as razões que as movem a fazer o que fazem. Quando o homem abre sua boca e dela sua voz eclode, sabe-se quem ele é, porque a voz ultrapassa o dito e revela não apenas o não dito, mas, também, o próprio dono da voz.



Com isso, pela escuta acurada e cuidadosa da voz e de seus rastros, sabe-se quais são seus medos, seus anseios; suas alegrias e tristezas; enfim, sua sensibilidade, bem como seu modo de pensar e de agir; as diferentes formas com que lida com as questões de seu cotidiano; além de poder conhecer, também, como ele se relaciona com o mundo, consigo mesmo e com o outro.

Referências:

- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais*: investigações em psicologia social; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Quareschi. 5ª. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- PUCCI, Magda Dourado. *Vozes e ritos – as oralidades no mundo*. São Paulo, 2006. Disponível em: < www.musimid.mus.br/.../2º%20Encontro%20Magda%20Pucci%20completo.pdf.> Acesso em 08/01/2011.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social – métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

Notas

¹ Jardim Utinga é um dos 120 bairros da cidade de Santo André, com 5.716 habitantes (Fonte: IBGE – Censo demográfico 2000 / CIS/SOPP/PMSA) e possui um campo de futebol chamado Alvi Negro, escola pública estadual (1) e particular (1), estabelecimentos comerciais (lojas, farmácia e bares), residências (casas), igrejas evangélicas e o Grêmio Esportivo Jardim Utinga (GEJU) onde são realizados eventos de várias naturezas. Além dos sons produzidos nesses locais, há outros, produzidos pela circulação de veículos e carros de propaganda de estabelecimentos comerciais do próprio bairro, ou de bairros vizinhos.

² As gravações foram realizadas nos dias 11, 13, 15 e 17 de julho de 2010, respectivamente, domingo, terça, quinta e sábado. Essas gravações foram realizadas no bairro Jardim Utinga, Santo André, na rua Olegário Mariano (OM); na avenida João Pessoa (JP); na avenida Martim Francisco (MF); na rua Teófilo Otoni (TO); na avenida Sapopemba (SAPO) e na rua do Guaçu (GUAÇU), com duração de 06 minutos cada, nos períodos entre 00h e 06h; 06h e 12h; 12h e 18h; 18h e 24h. O equipamento de gravação utilizado foi um gravador R-09HR da Edirol. As gravações foram feitas de um ponto fixo da rua ou avenida, dentro de um carro, nos períodos de chuva ou garoa e de um ponto fixo, em pé, nos períodos sem garoa ou chuva

³ O questionário foi elaborado de forma semiestruturada, a qual combina questões abertas, de caráter subjetivo, com questões cujas respostas são o resultado de escolhas entre alternativas previamente estabelecidas, o que lhes confere características mais objetivas do que as questões semiestruturadas (RICHARDSON, 1999, p. 198-99). De modo geral, as questões foram elaboradas com o intuito de se obter informações gerais a respeito dos moradores do bairro, sua opinião e percepção geral quanto aos sons de sua rua e entorno dela; bem como quais manifestações vocais lhes chamavam mais atenção – pediu-se que mencionassem pelo menos cinco – ocorridas na sua rua e ao seu redor; pediu-se, também, ao entrevistado, sua opinião a respeito delas e que dissessem o que representa a voz para eles. Ou seja, por meio do questionário visou-se levantar ferramentas para o estudo da voz humana como símbolo sonoro no contexto do Jardim Utinga, compreender como os moradores se relacionam com esse som em meio aos demais, isto é, extrair informações que possibilitassem entender a relação dos moradores com o ambiente sonoro do bairro, de maneira que se pudesse perceber de que modo a voz poderia ser identificada como um símbolo interpretável no contexto cultural estudado.

⁴ Noia é o nome dado, em geral, pelos moradores, aos usuários de droga que vivem pelas ruas do bairro.